

Complementaridade entre dois testemunhos acerca do *grammaticus* e da *ars grammatica* do Início do Império: o *De grammaticis* de Suetônio e a *Institutio oratoria* de Quintiliano

Alessandro J. Beccari

Doutorando em Letras – UFPR / Bolsista CAPES-REUNI

jbeccari1@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo examinará duas apresentações do gramático e da gramática em Roma no final do séc. I e início do séc. II d.C. Para tanto, serão utilizados extratos de dois *corpora*: o *De grammaticis* de Suetônio e os capítulos 4 a 9 do primeiro livro da *Institutio oratoria* de Quintiliano. Ao considerar os conteúdos desses *corpora*, o objetivo deste artigo é comparar as abordagens de Quintiliano e Suetônio a respeito do gramático e sua arte e, ao fazê-lo, observar se essas abordagens contêm dados mutuamente complementares que possibilitem um melhor entendimento da profissão e da arte gramatical no início do Império.

Palavras-Chave: Início do Império; História da Gramática Romana; Estudo Comparativo

1 INTRODUÇÃO

A *Institutio oratoria* de Quintiliano (30?-96? d. C.) possui uma clara listagem de conteúdos e soluções para problemas gramaticais, métodos de ensino e um delineamento da abrangência do saber que se espera de um autêntico mestre de gramática. Além disso, há nela uma nítida justificativa ideológica para o ensino da *ars grammatica*: as funções de ensinar e aprender a linguagem dos autores são deveres cívicos e, mais do isso, atitudes típicas do homem bom (¹). Segundo Quintiliano, o domínio que o orador honesto tem da arte do bem falar, que se fundamenta tanto na boa e extensiva leitura dos autores consagrados quanto no bom e fluente escrever, resultará invariavelmente na vitória das demandas em prol do bem público (PEREIRA, 2006, p.32).

O *De grammaticis* de Suetônio (70?-depois de 122 d. C.) é uma coleção de resumos biográficos em que o autor dá rápidas informações sobre seus biografados: lugar de origem ou nascimento, educação, interesses principais, obras escritas e traços de caráter, sendo esses últimos, na verdade, uma curta enumeração dos vícios e das virtudes mais marcantes da

personagem. O *De grammaticis* faz parte de uma obra mais ampla, o *De uiris illustribus*, em que, além de gramáticos, Suetônio retratou as vidas de poetas e retóricos romanos. Ao ressaltarem aspectos da personalidade – vícios e virtudes – as biografias curtas de Suetônio parecem indicar tanto a relevância social do gramático quanto a importância da gramática no contexto sociocultural romano do início do séc. II d.C.

Levando-se em consideração as características gerais de cada uma dessas obras, tem-se a impressão de que as intenções e as maneiras de Suetônio e de Quintiliano apresentarem o gramático e a gramática em seus escritos sejam, de fato, diferentes. Apesar disso, nas seções a seguir, o levantamento das características específicas dessas duas abordagens tentará averiguar a possibilidade de que esses dois escritos sejam, na verdade, fontes complementares de informação histórica. Se essa possibilidade se confirmar, espera-se que, ao final deste artigo, observe-se uma complementaridade entre as especificidades de cada um desses autores e, portanto, produza-se uma melhor elucidação da importância da arte gramática e do gramático no contexto a que essas duas obras se reportam.

2 A NARRATIVA DE SUETÔNIO

Suetônio, *Gaius Suetonius Tranquillus*, (70?-depois de 122 d. C.), escreve o *De grammaticis* durante o principado de Adriano (117-138 d.C.)⁽²⁾. A obra fazia parte de um trabalho maior, o *De uiris illustribus*, que continha uma série de biografias de poetas, retóricos e gramáticos. As partes dedicadas aos gramáticos e retóricos, o *De grammaticis et rhetoribus*, são as únicas que chegaram ao presente na íntegra. Da parte relacionada aos poetas do *De uiris illustribus* restam apenas as vidas de Terêncio, Virgílio, Horácio e Lucano. Mesmo assim, essas vidas de poetas são versões reelaboradas posteriormente por Élio Donato (séc. IV d. C.) e Jerônimo (340-420 d.C.) (CONTE e PIANEZZOLA, 2004, p. 780). Além do *De uiris illustribus*, Suetônio escreveu um trabalho enciclopédico, hoje perdido, intitulado *Pratum* ou *Prata*, em que tratara de uma variedade curiosa de assuntos: dos diacríticos aos defeitos físicos de Cícero e até das cortesãs mais famosas de todos os tempos. O seu *De uita caesarum*, em oito livros, relata as vidas dos doze césares – obra que chega quase intacta à atualidade, exceto pelos capítulos introdutórios da primeira biografia e pela dedicatória a Septímio Claro (CONTE, 1994, p. 587).

O *De grammaticis* divide-se em 24 capítulos ou parágrafos. Cada um dos capítulos ou parágrafos que vão do livro 5 ao 24 corresponde a uma notícia biográfica sobre um gramático.

Essas biografias curtas começam com a vida do gramático Crates de Malos (séc. II a.C.) e terminam em Probo (final do séc. I d.C.). Os relatos são sucintos e se concentram em informações biográficas essenciais, como a origem e o local de nascimento, a educação, os interesses especiais, as obras e os traços de caráter dos gramáticos, que são ilustrados através de anedotas ou da exposição de detalhes da sua intimidade.

Os assuntos compreendidos no *De grammaticis* podem ser elencados, por ordem aproximada de aparecimento no texto, da seguinte forma: surgimento do estudo da gramática em Roma; etimologia e breve introdução ao conteúdo da gramática; estatuto social da gramática e do gramático; traços psicológicos (*uitii* e *uirtutes*) e breves notícias biográficas.

Nas pequenas biografias de Suetônio, há uma rejeição da ordem cronológica na descrição da evolução da personagem. No lugar disso, existe uma organização por categorias que qualificam os vários traços de personalidade de cada gramático. Essas categorias são reveladoras dos vícios ou das virtudes de cada biografado. O próprio Suetônio, em uma passagem sobre a vida de Augusto, em seu *De uita caesarum* (trabalho posterior ao *De uiris illustribus*), explica que desenvolve suas narrativas *per species* e não *per tempora* (CONTE, 1994, p. 547). Como se verá na seqüência desse trabalho, esse tipo de narrativa não linear, *per species*, parece ser a contribuição por excelência de Suetônio para uma melhor compreensão da figura do gramático do início do Império.

Membro da ordem eqüestre, o primeiro cargo público de Suetônio lhe foi outorgado por Trajano (98-117 d.C.) (³): o cuidado das bibliotecas públicas imperiais. No principado seguinte, o de Adriano (117-138 d.C.), recebeu o encargo da manutenção dos arquivos e da correspondência pessoal do imperador. A leitura de suas biografias demonstra que os quase vinte anos de carreira burocrática foram determinantes em sua formação como historiógrafo (*Id.*, 546).

Conte (*Ibid.*, p. 549) enquadra as biografias de Suetônio no gênero da historiografia menor, ao compará-la com uma historiografia maior, no sentido de mais extensa, como a de Tácito (55-120 d.C.). Segundo Conte, as fontes de Suetônio seriam as mesmas de Tácito: documentos do arquivo público, tradição oral, panfletos satíricos e historiografia anterior (*Id.*). Além de determinante para a construção de suas personagens, essas fontes demonstram o tipo de audiência ideal visada por Suetônio e, além disso, mostram seu próprio ponto de vista como escritor, que se relaciona com a ordem eqüestre a que ele pertencia:

An audience of officials and bureaucrats would have appreciated the feeling of concreteness in Suetonius's pages, the curious detail he registers (in the scrupulous

spirit of the chancellery), the unpublished document he makes known and his exposition of the material in a manner that is clear and organized by distinct headings. Such an audience would also have enjoyed Suetonius's sober, laconic language, which is untouched by archaizing affectations and modern preciosities and is open to colloquial turns without failing to be decorous (CONTE, 1994, p. 549)

Apesar de suas análises histórica e psicológica serem, pela própria natureza sucinta de sua narrativa, superficiais, o modo fofoqueiro e demitificador de sua narrativa *per species* expõe características reveladoras da vida pública e privada da figura difusa daquilo que a Antiguidade Latina denominara *grammaticus*: figura que era entendida tanto como crítico literário, mitólogo e filólogo quanto como mestre dos usos consagrados do latim.

A partir do livro V do *De grammaticis*, Suetônio começa sua lista de vidas de gramáticos ilustres. A penúltima dessas é a biografia de Rêmio Palêmão, mestre de Quintiliano e, como visto acima, junto a Probo, considerado um dos dois maiores gramáticos dos primeiros dois séculos do Império.

Palêmão, que foi príncipe entre os gramáticos, porém, notório por seus vícios, reúne em si as *species* depravada e genial do erudito romano. Isso porque, apesar de suas virtudes intelectuais – memória fascinante, grande habilidade de falar em público, surpreendente capacidade de improvisação e dotes poéticos –, seria não menos conhecido por sua arrogância e, ao que parece, até por explorar libidinosamente seus pupilos:

(...) docuit Romae ac principem locum inter grammaticus tenuit, quanquam infamis omnibus uitis, palamque et Tiberio et mox Claudio predicantibus, nemini minus institutionem puerorum uel iuuenum committendam. Sed capiebat homines cum memoria rerum, tum facilitate sermonis; nec non etiam poemata faciebat ex tempore. Scripsit uero uariis, nec uulgaribus metris. Arrogantia fuit tanta, ut Varronem porcum appellaret; (...) (De grammaticis, XXIII) (4.) [(...) ensinou em Roma e teve lugar principal entre os gramáticos, embora infame em todos os vícios. Tibério e, depois, Claudio, deixaram patente que não havia ninguém pior para se confiar a educação de meninos e rapazes. Mas fascinava os homens por sua memória das coisas, por sua facilidade de discurso e, não menos que isso, pelos poemas que fazia de improviso. Escrevia, realmente, em metros variados e invulgares. Sua arrogância foi tanta que chamou Varrão de porco (...)]

Outro exemplo do desenvolvimento de uma personagem *per species*, ainda na biografia de Rêmio Palêmão, é a do gramático que, apesar de se tornar rico como fruto do

sucesso no exercício de sua profissão, e de seus dotes de empreendedor, decaí moralmente como resultado de sua luxúria:

Luxuriae ita indulisit, ut saepius in die lauaret, nec sufficeret sumptibus, quanquam ex schola quadringena annua caperet, ac non multo minus ex re familiari; cuius diligentissimus erat, cum et officinas promemercalium uestium exerceret, et agros adeo coleret, ut uitem manu eius insitam satis constet CCCLXV dies uvas edidisse. (De grammaticis, XXIII) [Entregava-se tanto à luxúria que ia aos banhos varias vezes ao dia e não lhe era suficiente o salário, embora recebesse quatrocentos mil sestércios anuais de sua escola e não menor valor de sua propriedade. Desta cuidava muito diligentemente, ocupando-se com oficinas de vestuários para a venda e cultivando seus campos com tanto cuidado que consta que uma vinha, da qual tomara conta com suas próprias mãos, dava uvas 365 dias por ano.]

O último gramático cuja vida é tratada por Suetônio é Marco Valério Probo. O oposto de Rêmio Pelêmio em caráter, Probo pertence ao gênero do gramático filólogo e, nos traços mais salientes de sua vida íntima, Suetônio o retrata como homem modesto e solitário. A maneira como Probo é descrito atesta para o fato de que, ao tempo de Suetônio, a gramática já era vista como um assunto extenso e variado, capaz de ser compartimentado em diversos campos de estudo:

Legerat in prouincia quosdam ueteres libellos apud grammatistam (...) multaque exemplaria contracta emendare ac distinguere et annotare curauit, soli huic nec ulli praeterea grammatices parti deditus. Hic non tam discipulos quam sectatores aliquot habuit. Nunquam enim ita docuit ut magistri personam sustineret; (...) (De grammaticis, XXIV) [Na província, lera alguns livros antigos com um gramatista (...) depois de colecionar grande número de exemplares, cuidou corrigí-los, pontuá-los, anotá-los, dedicando-se somente a essa e a nenhuma outra parte dos estudos gramaticais. Ao invés de alunos, teve alguns seguidores. Na verdade, nunca ensinou de maneira a assumir a posição de professor (...)]

Esse caráter solitário e modesto de Probo, como descrito por Suetônio, combina com a disciplina gramatical que ele elegeu: o estudo paciente de comparar textos de autores antigos

entre si com vistas à definição de quais seriam mais autênticos e quais menos e, dessa forma, mais fieis e dignos de serem copiados. Essa maneira de colocar o tipo de trabalho como reflexo do caráter de um gramático é, sem dúvida, outro recurso que Suetônio constrói ao desenvolver sua narrativa *per species*.

2.1 O ALCANCE DA GRAMÁTICA

De acordo com o *De grammaticis*, a gramática limitava-se, em seus começos, à crítica e edição de textos literários⁽⁵⁾. Exemplo disso é Gaio Otávio Lampádio, o primeiro gramático romano a ter sua vida relatada por Suetônio no *De grammaticis*, o qual dividiu e comentou as “Guerras Púnicas” de Névio: “(...) *ut C. Octavius Lampadio Naeuii ‘Punicum Bellum’, quod uno uolumine et continenti scriptura expositum diuisit in septem libros;*” (*De grammaticis*, II) [(...) como Gaio Otávio Lampádio ao “Guerra Púnica” de Névio, que tinha sido editado em um só volume de escrita contínua, o qual dividiu em sete livros]. Assim como Lampádio, Suetônio cita outros gramáticos que se especializam em comentar poetas vivos e mortos em público: “(...) *ut Q. Vargunteius Annales Ennii, quos certis diebus in magna frequentia pronuntiabat, ut Laelius Archelaus Vettiusque Philocomus Lucilii saturas familiaris (...)*” (*Id.*). [(...) como Gaio Otávio Lampádio aos “Anais” de Ênio, os quais, em certos dias, expunha, com grande freqüência de pessoas; como Lélio Arquelau e Vétio Filôcomo às “Saturas” de seu amigo Lucílio (...)]. No entanto, ao imitarem Crates, os primeiros gramáticos latinos limitavam-se a essa crítica literária, que, segundo Suetônio, é apenas um dos aspectos da arte e do ofício do gramático: *Hactenus tamen imitati, ut carmina uel si quorum aliorum probassent, diligentius retractarent ac legendo commentandoque etiam ceteris nota facerent* (*Ibid.*) [Porém, sua imitação limitava-se naquele momento, no caso de aprovarem os poemas de outros, a revisarem-nos com maior diligência e a lerem-nos e comentá-los, fazendo-os conhecidos do público.].

Em virtude de sua função inicial de crítico literário, o gramático, nesses primeiros tempos, necessitava não menos que o “conhecimento sistemático do uso lingüístico da maioria dos poetas, historiadores e oradores” (ROBINS, 1967, p. 37) para exercer sua profissão. Esse conhecimento, que corresponde à definição alexandrina do saber gramatical, era ainda cópia fiel da definição de gramática de Dionísio da Trácia (cerca de 100 a.C.), autor da primeira *ars grammatica* em língua grega, a *Téchne grammatiké* (*Id.*, p. 24). Todavia, como Suetônio sugere no final do livro III do *De grammaticis*, o ofício de gramático cedo

começou a diferenciar-se do de crítico literário e do de retórico para, rapidamente, passar a fazer parte do quadro normal das profissões essenciais tanto da cidade de Roma, quanto, logo em seguida, de algumas províncias do Império. De fato, depois de falar sobre o surgimento da gramática em Roma, com Crates de Malos, Suetônio menciona a crescente popularidade da *ars*, o aumento do número e da qualidade das escolas, a valorização dos profissionais e seu alcance até mesmo nas províncias:

Posthac magis ac magis et gratia et cura artis increvit, ut ne clarissimi quidem uiri abstinerint quo minus et ipsi aliquid de ea scriberent, utque temporibus quibusdam super viginti celebres scholae fuisse in urbe tradantur; pretia vero grammaticorum tanta mercedesque tam magnae, ut constet (...) L. Appuleium ab Efcio Calvino equite Romano prediuite quadrigentis annuis conductum ut Oscae doceret. Nam in provincias quoque grammatica penetrauerat, ac nonnulli de notissimis doctoribus peregre docuerunt, maxime in Gallia Togata; (...) (De grammaticis, III) [Depois disso, a arte cresceu mais e mais em popularidade e favor, tanto que nem mesmo os homens mais ilustres abstiveram-se de contribuir com ela e, em certos momentos, segundo a tradição, havia mais de vinte escolas famosas na cidade. O apreço aos gramáticos era tal e tão grande sua compensação, que consta que (...) Lúcio Apuleio foi contratado pelo rico cavaleiro romano Efcio Calvino para ensinar em Osca. A gramática também penetrou nas províncias e alguns dentre os mais famosos professores ensinaram no exterior, especialmente na Gália Togada.]

A profissão começa a se especializar e surge a necessidade de haver distinções semânticas para diferenciá-la de ocupações afins:

Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine inualuit; sed initio litterati uocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratus quidem uulgo appellari ait eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. (...) Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammata, et illum quidem absolute, hunc mediocriter doctum existiment. Quorum opinionem Orbilius etiam exemplis confirmat; namque apud maiores ait, cum familia alicuius uenalis produceretur, non temere quem litteratum in titulo, sed litteratorem inscribit solitum esse, quasi non perfectum litteris, sed imbutum. (De grammaticis, IV) [O nome de gramáticos foi convalidado pelo uso grego, mas, no início, eram chamados de literatos. Cornélio Nepos, em seu pequeno livro, distinguiu também o literato do erudito. Ele diz que “literato” foi vulgarmente aplicado àqueles que, arguta e

diligentemente, são capazes tanto de discursar quanto de escrever; contudo, a maneira apropriada de serem denominados é de intérpretes dos poetas, os quais são chamados de gramáticos pelos gregos (...) Existem aqueles que distinguem entre literato e literador (⁶), como os gregos distinguem entre gramático e gramatista e estimem o primeiro como conhecedor completo e o segundo como mediano. De fato, Orbílio confirma a opinião destes com exemplos ao dizer que, no tempo dos antigos, quando uma família punha à venda algum escravo, literato não era comum na placa, mas era costume escrever literador, querendo dizer que não era perfeito nas letras, mas apenas um iniciante.]

Enquanto a supracitada distinção entre gramático e gramatista é, sem dúvida, qualitativa, a diferença entre gramático e retórico parece indicar uma divisão de tarefas relacionadas às etapas da educação romana, cujo ápice era a eloquência:

Veteres grammaticis et rhetoricam docebant, ac multorum de utraque arte commentarii feruntur. Secundum quam consuetudinem posteriores quoque existimo, quanquam iam discretis professionibus, nihilo minus uel retinuisse uel instituisse et ipsos quaedam genera meditationum ad eloquentiam praeparandam, ut problemata paraphrasis, allocutiones, ethologias atque alia hoc genus; ne scilicet sicci atque aridi pueri rhetoribus traderentur. (De grammaticis, IV) [Os velhos gramáticos também ensinavam retórica e nos foram legados comentários em ambas as artes de muitos deles. Creio que os que vieram depois, embora as duas profissões já tivessem se separado, seguiram esse costume tanto para que fossem introduzidos quanto memorizados certos tipos de exercícios para preparar para a eloquência, como problemas, paráfrases, alocações, etologias e outros desse tipo, para que, sem dúvida, os meninos não fossem levados secos e áridos aos retóricos.]

Suetônio dá a entender que, em tempos anteriores ao seu, o gramático ensinava conteúdos tão próximos dos do retórico, que, na verdade, tornava as aulas deste desnecessárias: *Audiebam etiam memoria patrum quosdam e grammatici statim ludo transisse in Forum atque in numerum praestantissimorum patronum receptos. (De grammaticis, V)* [Ouvi também que, na memória dos nossos antepassados, alguns passassem diretamente da escola de gramática para o Fórum e fossem recebidos no número dos advogados mais eminentes.]. Essa é mais uma evidência de que os estudos gramaticais eram, a princípio, quase indissociáveis da formação retórica. Como será visto a seguir, a importância dos rudimentos da retórica no ensino gramatical fica ainda mais evidente na *Institutio oratoria*, uma vez que, para Quintiliano, a gramática é a etapa da educação romana cuja finalidade

única e exclusiva é prover os alicerces da etapa seguinte: a formação retórica do futuro orador.

3 O LUGAR DA GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO ORATÓRIA DE QUINTILIANO

Quintiliano, *Marcus Fabius Quintilianus*, (30?-96?d.C.) escreve os capítulos de quatro a nove, sobre a gramática, do Livro I da *Institutio oratoria* durante o principado de Domiciano (81-96 d.C.)⁽⁷⁾. Até o séc. II a.C., esse é o texto latino mais completo e amplo sobre o conteúdo e o método de ensino da gramática. Segundo Taylor (*Id.*, p. 87), embora não houvesse sido um gramático, e sim um retórico, Quintiliano é a melhor fonte para se conhecer a arte da gramática no primeiro século d.C.: “Quintilian is not himself a grammarian, but his text is our best source for early imperial grammar.”. O esquema em que Quintiliano organiza seu resumo dos conteúdos da gramática parece antecipar a organização da *ars grammatica* latina dos séculos imediatamente subseqüentes. De acordo com esse esquema, os gramáticos começam por ensinar a seus alunos o estudo dos sons (*i.e.*, a fonologia), em seguida, ensinam-nos a derivação das palavras, as partes do discurso, as declinações e conjugações (*i.e.*, a morfologia) e, por último, os vícios e as virtudes da fala, em particular, os barbarismos e os solecismos (*i.e.*, a estilística) (*Ibid.*).

Não se aderirá aqui escrupulosamente à seqüência de conteúdos acima descrita, mas se tentará uma visão do que, para Quintiliano, representam os fins últimos do ensino da gramática e, a partir desses fins, se observará os porquês da sua valorização de certos assuntos como essenciais no ensino da *ars*. Espera-se que essas valorizações e suas supostas finalidades dêem uma imagem de dentro, embora muito possivelmente idealizada, do fazer gramatical à época de Quintiliano.

Quintiliano divide o objetivo prático do ensino da gramática em três partes: 1) *recte loquendi scientia*, que é o conhecimento das regras usuais do bem ler, escrever e, acima e antes de tudo, falar; 2) *enarratio poetarum*: a interpretação/explicação dos poetas (I, IV, 2)⁸; 3) *enarratio historiarum*: a explicação das histórias⁽⁹⁾.

Ao observar o primeiro dos dois fins práticos da primeira parte, vê-se que *scribendi* não é citado, apenas *loquendi*. O provável motivo dessa ausência é que o ensino da linguagem consagrada – do uso normativo, como se diria atualmente – era, ao menos em sentido ideal, estreitamente vinculado à capacidade que o futuro orador teria de vencer demandas públicas através de uma linguagem não apenas aceitável, mas, também, altamente

persuasiva. A escrita era, portanto, não um fim em si mesmo, mas apenas um instrumento de aprendizado dos modelos mais aceitáveis de expressões para serem usadas mais tarde no discurso falado, em especial, no ambiente forense. Essa valorização da fala é evidência de que o estudo da gramática, no contexto da *Institutio oratoria* de Quintiliano, está intimamente ligada à etapa seguinte do curso de estudos dos jovens romanos: a *ars rhetorica*.

A *enarratio poetarum* – em que são explicados os mitos, são ensinadas as figuras de linguagem, a escansão de rimas, as palavras raras, os lugares comuns e a licença poética – das duas primeiras partes supracitadas, não é menos valorizada por Quintiliano que a primeira. A impressão que se tem é que a *enarratio poetarum* providenciava uma espécie de tentativa de assimilação ao discurso forense de elementos poéticos que dessem ao futuro orador uma aura de familiaridade com os autores consagrados, o que produziria o respeito e a atenção de sua audiência. Como se viu acima, para esse fim, praticava-se uma modalidade de leitura treinada, que consistia em: escansão e versificação, corretas aspirações, respeito às quantidades, pausas, localização, uso adequado de barbarismos e palavras incomuns e compreensão das figuras de linguagem.

É bom salientar que a *enarratio poetarum* não se restringia somente ao estudo dos poetas em si mesmos, mas também apontam para o seu uso por oradores famosos. É por isso que Pereira (2006, p.183), em uma tradução alternativa dessa expressão, sugere “explicação dos autores” no lugar de “explicação dos poetas”. O texto a seguir é exemplo de tal procedimento metalingüístico:

Confiemos, em suma nos maiores oradores, que tomam para si os poemas dos antigos quer para dar crédito a seus argumentos, quer para ornamentar seu discurso. Com efeito, principalmente em Cícero, por exemplo, mas freqüentemente também em Asínio e outros, que são os mais próximos no tempo, vemos inserirem-se versos de Ênio, Ácio, Pacúvio, Lucílio, Terêncio, Cecílio e de outros, não apenas por uma questão de erudição, mas também pelo deleite que representam, quando os ouvidos respiram da aspereza forense em meio aos prazeres da poesia. (I, VIII, 10-11).

O ensino da terceira e última parte do aprendizado da gramática, a *ennarratio historiarum*, segundo Quintiliano, poderia levar a preocupações com minúcias e detalhes inúteis e, portanto, era tida por ele com certas ressalvas:

A isso acrescentará a explicação das histórias, mas avaliando-as e pondo de parte as ocupadas com o que é inútil. Com efeito, é suficiente expor aquelas que são aceitas

ou ao menos lembradas por autores célebres (...) Pois quem perscruta cada página, mesmo as que não são dignas de leitura, é bem capaz de gastar energias com uns contos de carochinhas. Por outro lado, os comentários dos gramáticos estão forrados dessas coisas, mal conhecidas até mesmo por quem as escreveu. (I, VIII, 18-19)

De forma mais analítica, pode-se dizer que a aplicação de conceitos e procedimentos consagrados na *ars grammatica* ao tempo de Quintiliano fazem parte daquilo que ele elenca como as subdivisões principais da 1ª parte (*recte loquendi scientia*) dos estudos gramaticais: 1) a distinção entre vogais, consoantes e semivogais; a derivação (sincrônica e diacrônica); a definição das partes do discurso; as declinações (verbos e nomes); o ablativo instrumental; 2) os *vitia virutesque orationis* – vícios e virtudes de estilo, que se constituíam no estudo dos barbarismos, dos solecismos e da eufonia. Ao apresentar essas subdivisões, quando discute sobre a determinação do número das partes do discurso, Quintiliano menciona Rêmio Palêmão, seu antigo mestre (a quem Suetônio dedicará um dos resumos biográficos mais extensos do *De grammaticis*, o livro XXIII): “Outros, porém, apoiando-se em autores idôneos, admitem oito partes, como Aristarco e, em nossa época, Palêmon, (...)” (I, IV, 20).

Como foi visto anteriormente, a primeira parte dos estudos gramaticais, conforme classificados nos capítulos a eles dedicados na *Institutio oratoria*, poderiam ser divididos, resumidamente, em duas partes principais: 1) fonologia e morfologia; 2) vícios e virtudes da fala e da escrita. Ao ensino da fonologia e da morfologia, Quintiliano chama de *commentariolum*, porque não exige do professor mais que um conhecimento técnico e limitado da gramática latina. Essa parte inicial do ensino da gramática poderia ser relegada ao gramatista, que, como foi visto anteriormente (*De grammaticis*, IV), sucedia ao pedagogo.

Ao estudo dos vícios e virtudes da linguagem, tanto falada quanto escrita, *uitia uirtuteque orationis*, Quintiliano dedica uma longa discussão que culmina na definição das três qualidades principais da língua normatizada pelo uso: deve ser possuidora de *ratio*, [razão] (que se deriva da *analogia* (¹⁰)), de *uetustas* [antigüidade], que lhe adiciona majestade, e *auctoritas* [autoridade], que se firma no uso (*consuetudo*) de prosadores e poetas consagrados:

Tanto a quem fala quanto quem escreve deve observar regras. A linguagem se funda sobre razão, antigüidade, autoridade e tradição. A razão se baseia principalmente na analogia e por vezes também na etimologia. Uma certa majestade e, como diria, uma certa santidade recomenda o que é antigo. Quanto à autoridade, costuma ser buscada a oradores e historiadores; (I, VI, 1-2)

Ao final de sua exposição sobre os conteúdos gramaticais e seu método de ensino, que, como já visto, resumem-se na arte de falar (e ler e escrever) corretamente e na explicação dos autores, Quintiliano finaliza ao sugerir que, além do ensino dos conteúdos tradicionais, os professores de gramática também devem aplicar exercícios adicionais de composição aos seus alunos: a redação de paráfrases das fábulas (de Esopo) e das vidas de homens ilustres. Quintiliano explica o método de aplicação desse tipo de exercício e a faixa etária a que devem ser aplicados. Como pensavam os primeiros gramáticos dos relatos de Suetônio (*De grammaticis*, IV), Quintiliano acredita que esse tipo de exercício, no final do aprendizado da gramática, ajudará os alunos a não chegarem totalmente despreparados às escolas dos retóricos:

Acrescentemos, porém, à incumbência dos gramáticos alguns princípios da eloquência que se deverão ensinar àqueles que ainda não estão, pela idade, capacitados a compreender o retor. Que aprendam os alunos, pois, a narrar com uma linguagem elegante e em nada exagerada as fábulas de Esopo, que logo sucedem as histórias das nutrizas; depois, a cobrar-se a mesma simplicidade no estilo. Primeiro, analisando os versos, depois, explicando-os, empregando outras palavras, e, finalmente, com maior ousadia, fazendo deles uma paráfrase, na qual se permitirá, desde que fique preservada a idéia do poeta, abreviar e embelezar o texto. (I, IX, 1-2)

Como a citação acima deixa claro, os estudos gramaticais são, para Quintiliano, propedêuticos ao estudo da retórica. Nas palavras do próprio Quintiliano: “se a gramática não estabelecer os alicerces seguros para o futuro orador, tudo o que tiver edificado irá por terra (...)” (I, IV, 5).

Para Quintiliano, a partir do exame dos autores que formam o cânone clássico – poetas como Virgílio e oradores como Cícero –, a gramática tinha como meta dupla determinar os usos legítimos da língua latina e transmitir aos alunos os conhecimentos gerais existentes nas obras literárias. À retórica cabia atualizar (*emulatare*) esses usos e utilizar esses conhecimentos gerais em seus discursos. Com essa emulação, esperava-se, o discurso se tornaria persuasivo o bastante para vencer demandas públicas. No sentido que lhe dá Quintiliano, a gramática é o estudo de obras exemplares com o intuito de extrair sua beleza, imitá-las e até superá-las no contexto do discurso forense. Fica, portanto, claro que, segundo a metodologia quintiliana, toda a aprendizagem com base na leitura e imitação, falada e por

escrito, dos textos consagrados era preparatória para a argumentação em voz alta das demandas públicas: a gramática deveria ser uma propedêutica da retórica.

De acordo com Quintiliano, o verdadeiro orador deveria ser, com base na fórmula estóica de Catão, o *uir bonus, dicendi peritus* [Um homem bom, experimentado na arte da persuasão]. Nesse sentido, o gramático e o retórico são mais importantes que o filósofo, uma vez que cabe ao gramático e ao retórico, e não ao filósofo, ensinar ao bom cidadão a arte de emular os usos mais excelentes da língua e, assim, defender o interesse público.

Todavia, a emulação da linguagem consagrada dos autores com vistas a vencer demandas públicas tinha se tornado limitada em importantes instâncias políticas ao tempo de Quintiliano: dificilmente um cidadão romano teria condições de se opor às vontades do *princeps* ou às de seu círculo de magnatas no final do séc. I e início do séc. II d.C. Conforme lembram Conte e Pianezzola (2004, p. 726), o debate público tornara-se anacrônico na realidade política do início do Império. Em tal contexto, o núcleo ideológico da *Institutio oratoria*, como parte de um programa que objetiva formar cidadãos vencedores das demandas públicas para o bem público, pode ser entendido muito mais como produto de um ideário saudosista de um passado utópico do que como um projeto a ser perseguido naquele momento.

4 COMPLEMENTARIDADE

A audiência do *De grammaticis* de Suetônio é constituída de funcionários imperiais da classe eqüestre que estão ávidos por saber das baixezas e grandezas dos gramáticos e de outros homens ilustres. Suetônio satisfaz essa avidez com exposições de vícios e virtudes e um elenco de anedotas sobre os mestres das letras: da perna quebrada de Crates de Malos, na primeira metade do séc. II a.C., à conduta escandalosa de Rêmio Palêmão, no final do séc. I d.C.

Através da construção de sua narrativa *per species*, Suetônio foi capaz de retratar seus gramáticos de tal maneira a serem visualizados como figuras humanas com os exageros que seu tempo e espaço lhes atribuíam. Figuras que vão de um gênio rico e devasso, como Palêmão, a um sábio recluso e modesto, como Probo. Tais retratos são úteis como testemunhos da maneira como a sociedade romana do final do primeiro século I d.C. via o gramático. Essa leitura externa (social) do *De grammaticis* de Suetônio reflete o ponto de vista de um segmento da sociedade romana: a burocracia da classe eqüestre a que o próprio

Suetônio pertencera. O tipo de valorização do mestre de gramática, implícito em tal ponto de vista, fica mais evidente nas notícias pecuniárias sobre o gramático Lúcio Apuleio, que, conforme a biografia a ele dedicada, receberia quatrocentos sestércios por ano de um homem rico chamado Efécio Calvino para ensinar gramática em Osca (*De grammaticis*, III) e sobre o escravo Lutácio Dafne, que fora comprado por setecentos mil sestércios em virtude de sua grande habilidade como gramático (*Id.*, IV).

As biografias de Suetônio interessam-se pouco a respeito de fatores internos à *ars grammatica*, como, por exemplo, seus conteúdos, métodos de ensino e a ideologia que a sustentava e lhe conferia tamanha relevância social no início do Império. Nesse sentido, essas biografias não proporcionam o que poderia ser chamado de uma visão de dentro da gramática romana no início do Império.

Quintiliano não menciona diretamente o estatuto do gramático na sociedade romana de seu tempo. Uma leitura atenta dos livros quatro a nove da *Institutio oratoria* não permitiria saber se tal profissão era remunerada ou não, nem a classe social dos cultores da *ars grammatica* em Roma no final do primeiro século. Todavia, o fato de Quintiliano considerar imprescindível que os filhos da sociedade romana freqüentem escolas de gramática pode apontar para o lugar privilegiado que os profissionais dessa área, ao menos teoricamente, deviam ocupar naquele contexto. Nesse sentido, Quintiliano confirma, embora indiretamente, a importância social do mestre de gramática que fica tão evidente nas biografias de Suetônio.

Apesar das diferenças entre os relatos de Suetônio e os capítulos de Quintiliano, existem entre eles elementos em comum, no que diz respeito à natureza e função do gramático e da gramática em Roma no início do Império. Por exemplo, uma notícia específica a respeito da profissão gramatical que tanto Suetônio quanto Quintiliano parecem ter em comum é a da distinção entre o gramático e o gramatista. Essa notícia encontra-se explicitamente em Suetônio e se confirma, indiretamente, em Quintiliano. Como se viu anteriormente, havia dois níveis de ensino e dois tipos de professores de gramática: aqueles que se limitavam ao ensino do que Quintiliano chama de *commentariolum* (fonética e morfologia do latim) – espécie de professores elementares de gramática – e professores mais graduados, que eram, de fato, conhecedores de todas as partes da gramática e podiam se delongar mais profundamente no estudo dos vícios e das virtudes da linguagem e na interpretação dos autores consagrados.

Tanto Quintiliano quanto Suetônio dão a entender que os gramáticos também ensinavam os rudimentos da oratória, pelo menos ao final da segunda parte principal dos estudos gramaticais: a *enarratio poetarum* [a explicação dos autores]. Como se viu

anteriormente, essa parte do estudo da gramática consistia na leitura e emulação de poetas e oradores. Quintiliano defendia o uso de exercícios de oratória já na fase propedêutica (gramatical) da retórica, para que os estudantes não chegassem muito imaturos (*aridi*) aos estudos retóricos propriamente ditos. Suetônio confirma essa necessidade do gramático ensinar os rudimentos da retórica e explica tratar-se de um resquício dos inícios do ensino da retórica em Roma, em que os gramáticos ensinavam tanto a língua e a literatura quanto a oratória.

Considerando-se os prováveis pontos em comum e as informações complementares, mencionados nesta e nas seções anteriores, embora os escritos de Suetônio e Quintiliano aqui estudados pareçam ter públicos e finalidades distintas, é possível concluir, com base no que foi discutido até aqui, que suas notícias sobre o gramático e a gramática sejam entendidas como dados que possibilitam uma visão mais completa desse profissional e de seu ensino no início do Império. Essa complementaridade se dá, por exemplo, na medida em que se coloquem lado a lado a maneira como Suetônio retrata as *species* do gramático, *i.e.*, seus traços psicológicos mais salientes, e a exposição que Quintiliano faz dos conteúdos, métodos e ideologia que constituem o trabalho do gramático. Essa comparação, nos limites de cada autor e do ponto de vista de um leitor hodierno, proporciona uma descrição mais completa do mestre de gramática latino e do seu trabalho no início do Império e, em certo sentido, oferece uma visão de dentro (Quintiliano) e uma visão de fora (Suetônio) do gramático e de sua arte.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que, além dos prováveis pontos em comum – como a distinção entre gramático e gramatista e a continuidade entre o ensino da gramática e o da retórica –, existe também uma complementaridade que advém das especificidades de cada autor: a imagem do gramático como personagem, retratada a partir do desenvolvimento da narrativa *per species* de Suetônio, é complementada pela descrição dos conteúdos, métodos e ideologia de ensino da gramática que Quintiliano apresenta na *Institutio oratoria*. Assim, a partir dos elementos até aqui elencados, é possível concluir que o *De grammaticis* de Suetônio e a *Institutio oratoria* de Quintiliano, ao serem consideradas suas visões distintas e comparados seus prováveis elementos em comum, podem constituir-se em fontes complementares para a compreensão da disciplina gramatical e da figura do gramático em Roma entre o final do séc. I e princípio do séc. II d.C.

REFERÊNCIAS

BUTLER, H. E. (ed.) *The institutio oratoria of quintilian*. London: Harvard University Press, 1989.

CALDER III, W.M. *Vir bonus, dicendi peritus*. In: *American Journal of Philology*. Baltimore, v. 1, n. 108, p. 168-171, 1987.

CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

CONTE, G. B.; PIANEZZOLA, E. *Il libro della letteratura latina: la storia e i testi*. Firenze: Le Monnier, 2004.

PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na institutio oratoria*. São Paulo: Humanitas, 2006.

ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.

SÈNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Gulbenkian, 1991.

SUETONIUS. *De grammaticis*. Trad. J. C. Rolfe. Cambridge/London: Harvard University Press, 1910.

TAYLOR, D. J. *Roman language science in the early empire*. In: KOERNER, E. F. K., ASHER, R. E. (eds.). *Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the cognitivists*. Elsevier, 1995.

¹ No livro XII da *Institutio oratoria*, Quintiliano trata da importância da honestidade do orador e retoma uma antiga fórmula de Catão: *Orator est, Marce fili, uir bonus, dicendi peritus*. (CALDER III, 1987, p.168-169 *apud* PEREIRA, 2006, p. 25) [O orador é, meu filho Marcos, um homem de bem, experiente em discursar].

² GRANT, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 256-7

³ *Ibid.*, p. 253-6

⁴ Neste artigo, as referências ao *De grammaticis* de Suetônio serão feitas, em algarismos romanos, somente ao livro de que se extrai a citação. Assim, “*De grammaticis*, XXIII”, citado acima, refere-se ao livro vigésimo terceiro do *De grammaticis* de Suetônio. Até onde sabe o autor deste artigo, não há uma tradução para o português do *De grammaticis* de Suetônio. Sendo assim, as traduções que se fizeram necessárias das citações latinas do *De grammaticis* são de responsabilidade do autor. Tais traduções estarão entre colchetes e constam logo a seguir aos textos originais em latim, que estão em itálico. O texto latino utilizado é o da coleção *Loeb Classical Library*, que foi editado, anotado e traduzido para o inglês por J. C. Rolfe, cuja referência está listada na seção “Referências”.

⁵ Segundo o que se depreende dos primeiros dois livros do *De grammaticis* de Suetônio, o gramático latino era, como no caso do *grammatikós* helenista, uma espécie de crítico literário, cujo ofício era fazer um trabalho de pesquisa que culminaria no estabelecimento da correta linguagem e na reedição de obras de poetas célebres já falecidos. Além disso, o gramático podia comentar um poeta vivo, seu contemporâneo e, ao fazer isso, tornar a qualidade do trabalho desse poeta, ou a sua falta, conhecida do grande público.

⁶ O neologismo aqui sugerido é calcado no termo latino *litterator*. Conforme o texto citado, o *litterator* era um gramático que ensinava os rudimentos da linguagem dos autores consagrados, apesar de não ter conhecimentos avançados a respeito deles. Com relação ao sistema educacional romano, o literador poderia ser pensado como uma figura intermediária entre o pedagogo e o gramático. O sinônimo de literador aqui utilizado é gramatista, que é outro termo calcado no latino *grammatista*, que Suetônio, por sua vez, parece ter calcado no termo grego *grammatistés*, utilizado, segundo ele, para distinguir entre o professor de gramática elementar e o profissional que possuía um conhecimento completo da disciplina e do seu ensino. O termo “gramática” – *grammatica*, em latim – deriva-se do grego *grammatiké*, que, por sua vez, origina-se de *grámmata* [letras], também do grego (ROBINS, 1967, p. 25).

⁷ GRANT, M. História de Roma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 252

⁸ Ao longo deste artigo, as referências à *Institutio oratoria* de Quintiliano serão feitas do seguinte modo: o primeiro número, em algarismos romanos, indicará o livro, o segundo, também em algarismos romanos, indicará o capítulo e o terceiro, em algarismos hindo-arábicos, indicará o parágrafo de onde se extrai a citação. Portanto, a indicação do trecho supracitado, “I, IV, 2”, refere-se ao parágrafo segundo do capítulo quarto do primeiro livro da *Institutio oratoria* de Quintiliano. A tradução para o português, aqui utilizada, é de Marcos Aurélio Pereira. O texto latino de origem dessa tradução faz parte da *Loeb Classical Library*, que foi editado, traduzido para o inglês e anotado por H. E. Butler, cuja referência está listada na seção “Referências”.

⁹ Segundo Sêneca, em suas cartas a Lucílio (1995, Epístola 88, 37), a *enarratio historiarum* trata de relatos fabulosos, como os do gramático alexandrino Dídimos, um contemporâneo de Cícero, mencionado por Quintiliano (I, VIII, 20): “Nuns livros investiga qual a pátria de Homero, noutros qual foi a verdadeira mãe de Enéias; noutros se Anacreonte se entregou mais à vida de prazer ou à bebida; noutros se Safo foi prostituta; em suma, coisas que, se as soubéssemos, deveríamos esquecer.”

¹⁰ Se não a maior, talvez uma das maiores controvérsias dos estudos da linguagem na antiguidade, o debate entre analogistas e anomalistas consistia em saber se a linguagem humana, em sua compreensão e funcionamento, era dominada por um princípio racional de regularidade (analogia) ou por mero acaso ou conveniência (anomalia) (ROBINS, 1979, p. 13). Para Quintiliano, a analogia é útil na determinação da quantidade das vogais em certas formas verbais – por exemplo, o infinitivo –, e também no ensino das declinações e da determinação do gênero em latim. Todavia, Quintiliano observa que a analogia é muitas vezes inconsistente como regra geral e, por isso, deve ser vista como uma invenção humana e um produto de seu próprio uso continuado (TAYLOR, 1995, p. 110).